

O FUNCIONAMENTO DO EFEITO-RESISTÊNCIA-SIMBÓLICO NA SOCIEDADE DE CONTROLE

THE FUNCTIONING OF RESISTANCE EFFECT SYMBOLIC IN THE CONTROL SOCIETY

Teodulino Mangueira ROSENDO¹

Resumo: objetiva-se discutir a resistência na sociedade de controle a partir do Projeto Seca, Xote e Baião, idealizado como um gesto político de ressignificação do convívio com a seca e da luta contra um imaginário linguístico-social-político-ideológico que oprime e marginaliza o sertanejo, reproduzindo um discurso de poder, com palavras de ordem que reforçam e cristalizam os estereótipos. Considera-se que pensar a resistência, estando elementos estruturantes da sociedade sobredeterminados pelo hipercapitalismo, pelo neoliberalismo e pelo consumismo, é tarefa árdua (quase utópica); por outro lado, pensa-se, discursivamente, que a falha do Estado e da ideologia no processo de individualização propicia formas de resistência. Conclui-se, portanto que, no Projeto, foi alcançado o que chamei de EFEITO-resistência-simbólico, materializando vozes localizadas em espaços de minorias, mas em exercício de cidadania.

Palavras-chave: sociedade de controle; discurso; efeito-resistência.

Abstract: it aims to discuss the resistance in the control society from the Project Drought, Xote and Baião idealized as a political gesture of resignification

¹ Doutorando em Ciências da Linguagem na Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: teomangueira@hotmail.com

of the con viviality with the drought and of the struggle against a linguistic-social-political-ideological imaginary that oppresses and marginalizes the sertanejo, Reproducing a discourse of power, with slogans that reinforce and crystallize stereotypes. It is considered that resistance thinking overdetermined by hypercapitalism, neoliberalism and consumerism, structuring elements of this society is an arduous task (almost utopian), on the other hand discursively thinking that the failure of the state and ideology in the process of ndividualization provides forms of resistance. It is concluded, therefore, that in the Project what was called EFFECT-resistance-symbolic was achieved materializing voices located in spaces of minorities, but in exercise of citizenship.

Key-words: control society; speech; effect-resistance.

[...] Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas.
(DELEUZE, 1992: 220)

A sobredeterminação do sujeito na sociedade de controle

A provocação de Deleuze (1992) no pós-escrito *Sobre as sociedades de controle* alerta para a observação das mudanças operacionalizadas pelo capitalismo, não mais voltadas para a produção, mas, sim, ao mercado, à venda de produtos e serviços, frutos do *marketing* e de controle ilimitado, de modo não disciplinar. Essa é uma transição cujas relações precisam ser analisadas por engendrar novos mecanismos de poder, com arranjos e técnicas de dominação que agem na individualização do sujeito, adestrando-o, pelo exercício ‘eficiente’, ao consumismo e exercendo por ele o controle hegemônico. Segundo o autor,

[n]as sociedades de controle [...] o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência) (DELEUZE, 1992: 222).

As pessoas passam a ser mais individualistas naquilo que vão consumir e se dividem em si mesmas; estando voltadas para o mercado e para os serviços, saem do confinamento para o endividamento. Estão programadas para, sem refletir, servirem à máquina capitalista, deixando transparecer as mudanças de uma sociedade disciplinar, caracterizada pela sujeição e pelo controle externo, para uma sociedade



de consumo, assinalada pela servidão e pelo controle internalizado. Nesse sentido, aponta Deleuze (1992) que a cada sociedade corresponde certos tipos de máquinas, as quais, em seu tempo, manifestam as formas sociais que as fazem surgir e ser utilizadas: por exemplo, em antigas sociedades, as máquinas eram simples, alavancadas, roldanas, relógios, ao passo que, nas sociedades de controle, as máquinas que produzem poder são máquinas de informática e computadores:

[...] as sociedades de controle operam por uma máquina de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo a pirataria e introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mas profundamente, uma mutação do capitalismo (DELEUZE, 1992: 223).

O capitalismo vai se reconfigurando e ganhando novas formas ao ponto de operar não mais pelo confinamento disciplinar, mas pelo controle absoluto. De fato, na sociedade disciplinar, o poder já realizou sua tarefa, atuando sobre o corpo dos indivíduos e se manifestando no que lhe era particular e subjetivo, tornando-o um máquina preparada para a reprodução das formas, como afirma Foucault (2014):

[o] corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e recompõe. “Uma anatomia política”, que é também igual uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que faça como que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina” (FOUCAULT, 2014: 135).

Por esse modelo, os corpos foram tornados dóceis, fabricados para atender ao trabalho, para se especializar em tarefas de força para produção; em contrapartida, foram politicamente esvaziados da possibilidade de insurreição. A técnica da dominação dobrou esses “corpos dóceis” (FOUCAULT, 2014), anulando qualquer tentativa de revolta e mal-estar contra o poder: estão sobre o olhar da vigilância permanente.

A vigilância atua como controle, como um sempre já lá olhar que vigia o indivíduo, e o poder, nessa ação, segundo Foucault (2014), é produtor de um controle que funciona igualmente a uma rede. Ele se espalha e se modifica; hoje, a sociedade de controle funciona em todo lugar, a todo tempo, inclusive ao ar livre; não está mais fechada em quartéis, escolas e hospitais, entre outros.

Inserido nesse contexto, acentua-se a perspectiva de Deleuze (1992) de que todos os meios de confinamento (como a escola) estão em crise profunda, necessitando serem reformados. Aqui se traz a escola como exemplo porque, no andar dessa discussão, a função dessa instituição e o tipo de discurso que ela



reproduz serão de importância para entender o tipo de produção intelectual que propicia e a recepção/legitimação dessa produção na sociedade. Como sugere o autor, esses espaços estão condenados, e o que se pode fazer é gerir sua agonia e ocupar as pessoas até as novas forças chegarem; no caso da sociedade do controle, na atualidade, isso já é pleno: as novas forças se dão pelo “hipercapitalismo” em tempos “pós-modernos”.

Ainda nesse aspecto, vale citar Althusser (1985) na obra *Aparelhos Ideológicos do Estado*, em que menciona que a condição da escola, enquanto instituição de produção do conhecimento e, portanto do saber elitista, está em crise e profundamente atrelada ao poder, trabalhando no sentido de manter o seu discurso e as estruturas de dominação:

[...] [p]odemos então afirmar que a crise, de profundidade sem precedentes, que abala por todo o mundo o sistema escolar de tantos estados, geralmente acompanhada por uma crise (...) que sacode o sistema familiar, ganha um sentido político se considerarmos a Escola (e o par escola-família) como o Aparelho de Estado dominante, Aparelho que desempenha um papel determinante na reprodução das relações de produção de um modo de produção ameaçado em sua existência pela luta mundial de classes (ALTHUSSER, 1985: 81).

Retomando a provocação de Deleuze que abre esta discussão, pergunta-se: quais são as novas armas, instrumentos de insurreição, linhas de fuga que podem funcionar como ação política, exercício de cidadania ou, simplesmente, lampejos de vaga-lumes² em atitudes de resistência na sociedade de controle?

O poder da linguagem como “práticas de resistência”

Barthes (1996) menciona que

a linguagem é uma legislação, a língua é seu código”. Este é um poder infindo, contra o qual se tem lutado historicamente e que perdura insistentemente, se materializando nos gestos opressores, de preconceitos e estereótipos pelo uso da língua: “Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana é a linguagem – ou, para ser mais preciso sua expressão obrigatória, a língua”. (BARTHES, 1996: 12).

2 A expressão foi tomada numa referência à obra *Sobrevivência de vaga-lumes*, de Didi-Hubermam, que analisa a obra de Pasolini e a remete às múltiplas formas de resistência da cultura e do pensamento mediante as luzes, os holofotes do poder, da política, da mídia, da sociedade.



O poder da linguagem se revela pela língua. E, referindo se a língua como código a serviço da linguagem, Barthes (1996: 12) afirma: “[...] Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação; e que toda classificação é opressiva: ordo quer dizer, ao mesmo tempo, repartição e dominação [...]”. Essa assertiva aponta para um poder radicado na língua, poder difuso que opera na classificação. Ele age sempre como um contra, reforçando a existência de um outro, quase sempre marginalmente tratado; afinal, vive-se em um sistema sociolinguístico estruturado pelo poder, e, portanto, escapar dessa lógica, romper com ela tem seu preço.

Nas palavras de Deleuze (1992: 226), “[o]s anéis de uma serpente são ainda mais complicados que os buracos de uma toupeira”. Se, antes, o indivíduo caía em algum “buraco”, ele é, no controle, enredado sem perceber, pois o poder, nessa sociedade, está disseminado por toda parte. A esse panorama, pode-se acrescentar o fenômeno da tecnologia e seu potencial avassalador de, por um lado, difundir informações e de, por outro, favorecer a “emancipação” do sujeito, que pode fazer uso indistinto dessa ferramenta virtual. Não se descartam os atributos da rede internet: também nela e por ela o indivíduo posiciona-se, mesmo que inconscientemente, a serviço de um poder.

Assim, nesses espaços, é possível perceber o paradoxo causado pelas estruturas do poder presentes na linguagem, buscando por ela se manter; e a condição do indivíduo que, tomando a língua, se faz ora mestre ora escravo, à disposição de algum poderio, indivíduo esse que vive a ligação entre servidão e poder.

A linguagem possibilita ao homem “sentir” e “entender” o mundo e aquilo que o cerca, produzindo sentidos e estabelecendo relações, sejam elas de dominação ou subordinação. O modo como esse indivíduo enxerga as coisas evidencia essas posturas e estrutura certa visão que é fruto de um mundo interior construído na/pela linguagem, com desdobramentos e encadeamentos que o farão senhor ou escravo, um humano dentro de um poder difuso que inclui pela exclusão, contido ou repellido por ele, de direito ou apenas de deveres.

Enquanto usuários da rede, os indivíduos têm, como garantias, o acesso, a formulação e a circulação da sua produção oral ou escrita, e isso representa “poder”; mas, ao mesmo tempo, se submetem às exigências e normas do virtual e da própria língua. Essa percepção pede um olhar aprofundado sobre as noções de opacidade e neutralidade, pois, como já mencionado, o poder vai se enraizando na sociedade de consumo e reforçando seus objetivos, seu desejo de mobilizar, de classificar recrutas, de determinar os seus sentidos de dominação históricos e ideologicamente perpetuados.



Como seria possível trapacear nessa lógica e resistir pela constituição de lugares de minorias? Burlar? Sim! Ver e ouvir o poder de “fora do poder”, como forma de revolução, como uma pequena fenda que traz de volta certa independência, outrora negada. Segundo Barthes (2004) “[...] [p]oliticamente, é ao professor e ao ilustrar que nenhuma linguagem (*poder*) é inocente, é ao praticar o que se poderia chamar de “linguagem integral” que a literatura é revolucionária.” (BARTHES, 2004: 5; destaque nosso).

Quando Agamben (2009) indaga sobre o que é ser contemporâneo e tenta mostrar o que significa ser contemporâneo, ele especifica a necessidade de se afastar do seu tempo para pensar sobre ele, trabalhando a contemporaneidade como

[...] uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. *Aqueles que coincidem muito plenamente com a época*, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, *não são contemporâneos* porque, exatamente por isso, *não conseguem vê-la*, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009: 59; destaque nosso).

Descolado do seu tempo, mas olhando firme para ele, mantendo um olhar vigilante sobre ele, percebemos, nessa contemplação, aquilo que Agamben (2009) chama de escuro; afinal, ser contemporâneo é ver a obscuridade. Nesse sentido, o autor explica que apreender o escuro não se trata de uma passividade ou de um estado de apatia, mas desencadeia uma ação cujo objetivo é a neutralização das luzes de uma época para se alcançar as suas trevas. Então, perguntamos com Agamben (2009): por que conseguir perceber as trevas que provêm da época deveria nos interessar? E, com ele, responde-se:

[...] o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne então cessa de interpela-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provêm do seu tempo. (AGAMBEN, 2009: 64).

Essa reflexão, ao passo que desnuda os escuros ofuscados pelas luzes de cada tempo, convoca para uma atividade de ânimo, de ousadia e de coragem. Coragem de fixar olhar no escuro da época (presente) e captar nesse escuro o que de luz emana e se dirige a nós, trazendo um pleno efeito de neutralidade, próprio das luzes, o qual, devido ao poder resplandecente das luzes, nos impede de ver os pequenos vaga-lumes revolucionários.

A despeito disso, pensando na sociedade de controle, como se pode produzir, fazer ecoar, ‘legitimar’ atitudes políticas de insurreição, criar espaços onde



pequenos vaga-lumes poderão nascer, crescer e deixar seus marcos, a partir dos pequenos lampejos? É concebível imaginar que há falhas no ritual do capitalismo que possibilitam linhas de fuga, de subversão?

Projeto Seca, Xote e Baião: “o EFEITO-Resistência”.

O Projeto Seca, Xote e Baião, desenvolvido no sertão paraibano, foi inspirado na seca que permanentemente assola o sertão nordestino, buscando, pela memória, questionar e (res)significar as formas de convívio com essa realidade difícil. Foi desenvolvido com alunos do ensino médio em uma escola estadual no alto-sertão nordestino. Assim, foi possível, pela leitura do clássico *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e das experiências locais, ampliar o debate sobre a temática e apreender a historicidade dessa situação materializada discursivamente na produção de poesias, cartazes e registros fotográficos, elementos que propiciaram a produção e publicação, em âmbito local e nas redes sociais, de uma fotonovela e de um livro de poesias, nomeado *Retalhos Poéticos da Seca*.

Essa proposta de intervenção pedagógica também relacionava “identidade cultural” sertaneja com o que foi contado e cantado por Luiz Gonzaga em sua discografia. Decorre dessa alusão os termos “Xote e Baião”, que se inserem no título, como forma de prestar uma homenagem a esse poeta nordestino.

No Projeto Seca, Xote e Baião se tem a perspectiva discursiva trabalhando com a materialização do linguístico, do social, do histórico e do ideológico. Enfatiza-se que essa produção nasce no discurso pedagógico, com sujeitos alunos não “inscritos em instâncias de poder” para falar legitimamente, constituindo, aqui, um típico discurso de escritorialidade³.

Quando se fala em discurso pedagógico, evidencia-se que ele tende a ser autoritário, segundo Orlandi (2003), e que circula de forma preestabelecida, enrijecido, produzindo dizeres institucionais validados pelas próprias instituições, tendo como exemplo a escola. Nesse espaço, o poder e o controle se manifestam amplamente, disfarçados pelo discurso da neutralidade, mas reforçando/reproduzindo sentidos que sustentam essa sociedade:

3 Pela mobilização das noções de Discurso da Escrita, Discurso da Oralidade, Efeito-autor, Textualização e Espaços Cambiáveis, bem como Função-autor e memória metálica, propostos por Orlandi, Gallo (2011) chega à compreensão do que batizou de Discurso da Escritorialidade.



[o] controle é, assim, uma intensificação e uma generalização da disciplina, em que as fronteiras das instituições foram ultrapassadas, tornadas permeáveis, de forma que não há mais distinção entre fora e dentro. Dever-se-ia reconhecer que os aparelhos ideológicos de Estado também operam na sociedade de controle e talvez com mais intensidade e flexibilidade do que Althusser jamais imaginou. (HARDT, 2000: 369-370).

Assim, a escola, com sua base nada democrática, se apresenta como lugar de controle, mas, também, de vaga-lumes que lampejam desejos de mudanças e, sobretudo, desejos de criação de escolas de vaga-lumes. Nesses espaços, o saber giraria em torno do pensar, do refletir, do questionar, do indignar-se e do construir, não de apenas reproduzir mecanicamente os sentidos cristalizados, a história dos vencedores sobre os vencidos. Como em Benjamim (1994), é preciso [...] “[e]scovar a história a contrapelo, ou seja, opor a tradição dos oprimidos à versão oficial da história, lutar contra a corrente, contra tudo o que pode ser considerado natural”.

Nesse contexto, é importante destacar que, no Projeto Seca, Xote e Baião, como gesto de resistência, trabalhou-se pelo viés da luta contra um imaginário linguístico-social-político-ideológico que oprime e marginaliza o nordestino “vivente da seca”, reproduzindo um discurso de poder, com palavras de ordem que reforçam e cristalizam os estereótipos. Deleuze e Guattari (2011), trabalhando sobre a ideologia, ampliam a discussão com a formulação da noção de *devir-menor*, uma forma “menor” de atuar dentro de uma forma maior.

Mas “[...] como escapar à sentença de morte que ela [palavra de ordem] envolve como desenvolver a potência de fuga, como manter ou destacar a potencialidade revolucionária de uma palavra de ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 2011: 61)? A propositura do Projeto sugeria posição política, gesto de questionamento, condições de, por meio do devir menor, arquitetar espaços de “potência” para agir por meio de um posicionamento crítico e subversivo, no sentido de ir contra a lógica hegemônica.

Retomo Deleuze (2011: 220): [...] “[n]ão cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas”. Certamente, nas atividades que promovem o pensamento, que instigam a construção de ideias próprias que desnaturalizam o estabilizado, inclusive modificando a forma e os conceitos da educação escolarizada em vigência e observando a história de outros lugares, não se vendo absolutamente vencido, mas organizando os pessimismos para poder permanecer de pé e nutrir, com o desejo, a possibilidade de fuga, estão às armas propícias contra a dominação.

Orlandi (2012), pensando discursivamente, aponta para o fato de que as formas de assujeitamento são outras, e nelas o capitalismo desenvolve, também,



novas formas de dominação e segregação e, conseqüentemente, novas formas de resistência. Nessa percepção, há falha do Estado no processo de individuação e falha da ideologia no processo de identificação do sujeito à formação discursiva. É nessas falhas que o sujeito produz outros sentidos; e, também, que se constituem sujeitos outros, “fazendo sentido do interior do não-sentido”, o que ela chama de resistência. Dessa forma, ser revolucionário, estando sobredeterminados pelo capitalismo, neoliberalismo e pelo consumismo dessa sociedade de controle, é tarefa árdua. E, para que não sejamos tão ingênuos, é necessário reconhecer que a prática da resistência se dá com indivíduos assujeitados pela ideologia capitalista. Os mais céticos diriam mesmo que essa prática é utópica; todavia, “subverter” as estruturas do poder, estando imerso nele, é tarefa de vaga-lume, possibilitada pelas pequenas fissuras “onde o ritual (do capitalismo) falha” e materializada no que estou chamando de EFEITO-resistência-simbólico. Conforme Orlandi (2012),


[...] nos processos discursivos a sempre “furos”, falhas, incompletudes, apagamentos e isto nos serve de indícios/vestígios para compreender os pontos de resistência. Os discursos – onde se articulam sistemas significantes e ideologia – não são máquinas discursivas perfeitas. (ORLANDI, 2012: .213-4; destaque da autora).

Discursivamente, trabalhar a resistência é perceber os indícios, pistas que, inseridas no processo discursivo, mobilizam o simbólico, o ideológico e o histórico. É necessário observar como, historicamente, o capitalismo aliena e humilha o indivíduo, humilhação que é tomada na acepção de prática inserida na produção das relações sociais, marcando o processo da alienação. Nessa mesma perspectiva, no processo de individualização pelo Estado, funcionando por meio de seus aparelhos, a subjetivação sempre processual, de idas e vindas, faz refletir sobre a movência/movimento de sentidos que emanam dos sujeitos segregados, marginalizados. Essas idas e vindas tem a ver com as outras maneiras de assujeitamento praticadas pelo capitalismo, que vai sempre criando outras formas de dominação.

Concordando com Orlandi (2012), é justamente na falha, na falta do Estado e da ideologia que há a possibilidade de ruptura no processo de individualização; nesse ponto, a autora propõe localizar a resistência. Essa resistência, então relacionada à forma-sujeito histórica e à individualização pelo Estado, cria processos que vão intervir na identificação do sujeito individuado com a formação discursiva. É bem verdade que as formas de resistência incidem sobre as posições sujeitos, mas, pelo que já foi argumentado neste artigo, elas não fazem desmoronar, reconfigurar a forma sujeito-histórico-capitalista. A libertação não ocorre, e, neste ponto proponho, a resistência como efeito, no/pelo simbólico, na/pela linguagem.

Portanto, o EFEITO-resistência (simbólico), levando em consideração todo o processo desenvolvido no Projeto Seca, Xote e Baião, pensando nesse indivíduo





assujeitado, é designado como o resultado (um lampejo) de uma ação política materializada sob a forma de gestos/ações, revelando vozes localizadas em espaços de minorias, mas em exercício de cidadania. Ainda que levadas pelo sistema capitalista, não alterando sua forma de ser sujeito histórico, essas vozes são liberadas, não por vontade própria, mas pela sua inscrição em práticas sociais: para Pêcheux (2014), “não há dominação sem resistência, o que significa dizer que é preciso OUSAR se revoltar (destaque nosso)”.

Este efeito foi propiciado pelo fato de provocar os alunos, de fazê-los pensar a questão da Seca, do ser sujeito inscritos nas paisagens secas, da caatinga sertaneja; e a resignificar ou atribuir algum significado a um discurso interno sobre eles. Eis o ato político, eis o EFEITO-resistência simbólico em que o vagalume acontece em seu lampejo, pela reflexão dos discursos externos que os apreendem como sertanejos, escapando dessa lógica estabilizada, identitária, representativa, pré-estabelecida.

O que esses sujeitos experimentaram no Projeto produziu experiências, e nelas reside a significação política, o EFEITO-resistência-simbólico, repetido no processo, na prática social, não apenas nos produtos construídos. Assim, o valor da experiência é tomado no conjunto do projeto, com sujeitos interpelados pela ideologia, tomando posições e falando de si pela releitura da obra literária.

Considerações Finais

O envolvimento dos alunos na experiência consolida o gesto político, como uma pedra lançada no rio, no centro da pedra jogada no rio está a experiência, só que ela vai reverberando e levando outros a pensarem sobre isso, no caso do projeto, a comunidade escolar e local. Pontua-se que este reverberar se deu pela divulgação e circulação, em nível local, das materialidades construídas no projeto, estes outros sujeitos vivenciaram o relato de uma experiência, uma vivência daquilo que experimentamos (professor e alunos).

Destarte, mesmo sem abalar a forma-sujeito histórica-capitalista, que produz o sujeito assujeitado e dividido (indivuação), o Projeto Seca, Xote e Baião atingiu o EFEITO-resistência. Ler a *Obra Vidas Secas*, debatê-la, fazer anotações, participar de oficinas, visitar a zona rural, fazer fotografias desse cenário, vivenciar a experiência da escrita de poesias com essa temática, publicá-las no formato verbal (livro), no formato audiovisual (fotonovela), apresentar resultados à comunidade escolar e à sociedade local, publicá-lo nas redes sociais possibilitou este EFEITO-resistência,



mesmo provisório, contudo, deixando suas faíscas, como vaga-lumes, que têm a vida curta, mas acontecem no seu clarão.

Sim, clarão! É que é preciso o escuro para vê-lo, e muitos, vislumbrados pelos holofotes da sociedade de controle, humilhados e alienados, não enxergam, não reconhecem, não legitimam sua existência.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado.** Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Introdução de J. A. Guilhon Albuquerque. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____; _____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2.** Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos Vagalumes.** Belo Horizonte: UFMG, 2012.


FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** 42 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **O Sujeito e o poder.** In: Ditos e escritos. Vol. 9. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

GALLO, S. L. **Da escrita à escritoralidade: um percurso em direção ao autor online.** In: RODRIGUES, Eduardo Alves; SANTOS, Gabriel Leopoldino dos; CASTELLO

BRANCO, Luiza Katia Andrade. (Org.). **Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi.** Campinas, SP: Editora RG, 2011.





LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. Tradução Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise- Sujeito, Sentido, Ideologia**. Campinas: Pontes, 2012.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas o discurso**. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio/ Michel Pêcheux: Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al.- 5ª ed - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.**

HARDT, Michael. **A sociedade mundial de controle**. In: ALLIEZ, E. (Org.).

Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.